

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA  
CURSO DE DANÇA

Infraestrutura Física no Ensino de Arte: Análise em  
Escolas Estaduais na cidade de Viçosa - MG

VIÇOSA - MG

2017

DÉBORA KAMASCHE HENRIQUE DE SOUZA

Infraestrutura Física no Ensino de Arte: Análise em  
Escolas Estaduais na cidade de Viçosa – MG

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de  
Artes e Humanidades da  
Universidade Federal de Viçosa  
como parte das exigências para  
obtenção do título de Bacharel em  
Dança.

ORIENTADOR (A): Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Laura Pronsato

VIÇOSA - MG

2017

Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade  
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa

M

S729i  
2017 Souza, Débora Kamasche Henrique de, 1990-  
Infraestrutura física no ensino de Arte : análise em escolas  
estaduais na cidade de Viçosa-MG / Débora Kamasche Henrique  
de Souza. – Viçosa, MG, 2017.  
v, 57f. : il. ; 29 cm.

Inclui anexos.

Inclui apêndices.

Orientador: Laura Pronsato.

Monografia (graduação) - Universidade Federal de Viçosa.

Inclui bibliografia.

1. Arte - Estudo e ensino - Viçosa(MG). 2. Escolas -  
Mobiliário e equipamento. I. Universidade Federal de Viçosa.  
Artes e Humanidades. Bacharel em Dança. II. Título.

CDD 22 ed. 707.8151



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE ARTES E HUMANIDADES**  
**CURSO DE DANÇA**

Assinatura da Banca Examinadora na Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso da estudante DÉBORA KAMASCHE HENRIQUE DE SOUZA, matrícula 70714.

Título: “INFRAESTRUTURA FÍSICA NO ENSINO DE ARTE: ANÁLISE EM ESCOLAS ESTADUAIS NA CIDADE DE VIÇOSA-MG”.

---

Prof<sup>a</sup>. Laura Pronsato (Orientadora) – Curso de Dança – UFV

---

Prof<sup>a</sup>. Bianca Christian Medeiros Sales – Curso de Dança – UFV

---

Prof<sup>a</sup>. Rosana Aparecida Pimenta – Curso de Dança – UFV

Viçosa, 29 de junho de 2017.

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS _____	v
RESUMO _____	vi
ABSTRACT _____	vii
1. INTRODUÇÃO _____	1
2. METODOLOGIA _____	5
3. REFERENCIAL TEÓRICO _____	8
3.1. ARTE E SEU ENSINO _____	8
3.2. ESPAÇO E SUA IMPORTÂNCIA _____	12
4. OBSERVAÇÃO DA ESCOLA _____	17
5. RELAÇÕES ENTRE ESPAÇO E APRENDIZAGEM EM ARTE _____	22
6. REFLEXÕES ACERCA DAS REALIDADES LEVANTADAS PELOS DOCENTES. _____	25
6.1. ESPAÇOS UTILIZADOS PARA AULA DE ARTE _____	25
6.2. QUALIDADE DA INFRAESTRUTURA FÍSICA DOS ESPAÇOS DISPONÍVEIS PARA AS AULAS DE ARTE NA ESCOLA _____	29
6.3. SUGESTÕES RELACIONADAS À INFRAESTRUTURA FÍSICA DESTINADA AS AULAS NO AMBIENTE ESCOLAR. _____	31
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	35
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____	38
9. APÊNDICE _____	42
9.1. Descrições das infraestruturas das escolas pesquisadas _____	42
9.1.1. Escola I _____	42
9.1.2. Escola II _____	44
9.1.3. Escola III _____	48
9.1.4. Escola IV _____	50
9.2. ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO _____	53
9.3. ROTEIRO DA ENTREVISTA _____	56

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me capacitado e dado força para superar momentos muitas vezes difíceis, mas que, no final, foram superados.

À minha família que é minha base e sem a qual eu não estaria finalizando esse trabalho.

Aos meus amigos pelo carinho, compreensão nos momentos difíceis desse processo e que estiveram ao meu lado me dando força, incentivando e ajudando para que esse trabalho desse certo.

Ao meu aluno Yuri Silva, pela arte do trabalho.

Ao meu namorado que, por vários momentos, precisou abrir mão de seus projetos para fazer parte dos meus, a fim de que esse trabalho chegasse ao final e que esteve sempre ao meu lado quando eu mais precisei.

A todos os professores que, durante a graduação, contribuíram de forma indireta e direta para minha formação e, de modo especial, a minha orientadora Prof<sup>a</sup> Laura Pronsato, pela sua dedicação, atenção e compreensão.

E por fim, à Universidade Federal de Viçosa, que me proporcionou um novo olhar no que diz respeito às mais diversas questões que abordaram esses seis anos de graduação e com isso me proporcionou um crescimento como ser humano.

*Porque assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos que os vossos caminhos e os meus pensamentos mais altos que os vossos pensamentos. Porque com alegria saireis, e em paz sereis guiados; os montes e os outeiros romperão em cântico diante de vós, e todas as árvores do campo baterão palmas". (Isaías 55-9.12)*

## RESUMO

Esse trabalho traz uma discussão sobre a infraestrutura física no ensino de Arte em escolas estaduais na cidade de Viçosa- MG. A proposta objetiva discutir a importância do espaço físico no desenvolvimento das aulas de Arte e refletir acerca das realidades observadas e levantadas pelos docentes que atuam nas respectivas escolas. A abordagem da pesquisa foi qualitativa e utilizou-se, como instrumentos metodológicos, a revisão bibliográfica, observação e questionário. Para isto, foi feita uma pesquisa bibliográfica com autores que retratam a temática e foram realizadas visitas às escolas pesquisadas. Esta análise contribuiu significativamente para uma reflexão acerca dos espaços escolares no contexto geral e também os disponíveis as aulas de Arte em escolas estaduais neste município.

**Palavras-chave:** Escola, Arte, Infraestrutura Escolar.

## **ABSTRACT**

This work brings a discussion about the physical infrastructure in the teaching of Art in state schools in the city of Viçosa-MG. The proposal aims to discuss the importance of physical space in the development of art classes and reflect on the realities observed and brought by the teachers who work in the respective schools. The research approach was qualitative and the bibliographic review, observation and questionnaire were used as methodological tools. For this job was sought a theoretical support from different authors who discuss about the topic. Based on these observations the school context is discussed. This analysis contributed significantly to a reflection about the school spaces in the general context and also the ones available the Art classes in state schools in this city.

**Key-words:** School, Art, School Infrastructure

# 1. INTRODUÇÃO

A escola é um ambiente no qual todas as crianças e jovens passam uma parte significativa do tempo de suas vidas. Devido a isso, deveria se constituir em um ambiente de acolhimento para promover uma formação saudável e qualitativa em que a relação entre usuário e ambiente fossem prioridade. Neste contexto, a relação espaço físico e atividades pedagógicas são elementos fundamentais que deveriam ser pensado com primazia ao se elaborarem projetos pedagógicos.

Ao conviver em ambientes escolares, desde a graduação, por meio da inserção no Programa de Iniciação à Docência- PIBID vivenciado em 2011 e 2014 e nos estágios supervisionados de Licenciatura nos anos de 2014 e 2015, ambos na área de Arte no Ensino Fundamental e Médio de escolas públicas do município de Viçosa e agora, como professora de Arte contratada, esta relação formação-ambiente para a produção de conhecimento integral daqueles que frequentam a escola, gerou inquietações, de onde vem a problematização desta pesquisa.

Deste modo, esta pesquisa foi motivada pelo desejo da autora de trazer à tona questões observadas durante seu percurso acadêmico no Curso de Dança da Universidade Federal de Viçosa – UFV e neste interim, aprofundadas à luz da relação teoria-prática para uma reflexão e análise sobre a disponibilidade dos espaços físicos para o desenvolvimento do ensino de Arte nas escolas.

Um dos aspectos que mais chamou a atenção da autora, enquanto estagiária e bolsista PIBID durante a graduação foi a dificuldade de desenvolver atividades artísticas e mais especificamente, de Dança no espaço arquitetônico da escola. Agora, exercendo o papel de professora designada em Arte em uma escola estadual de Viçosa-MG, essa questão persiste.

Deste modo, sem nunca ter tido a oportunidade de vivenciar, como professora de Arte ou estagiária, uma escola que tivesse um espaço físico adequado às aulas das diferentes linguagens artísticas, evidenciou-se a necessidade de compreender a arquitetura e qual a importância do espaço físico para os processos pedagógicos. Será que a arquitetura das escolas foi realmente pensada em função da relação atividades pedagógicas–infraestrutura, assim como apontam os estudos sobre essa temática?

A partir destas questões, o objetivo central deste artigo será discutir a importância do espaço físico no desenvolvimento das aulas de Arte, nas escolas públicas de Viçosa-MG. E como objetivos específicos, pretende-se fazer um levantamento dos espaços físicos existentes para as aulas de Arte, conhecer a realidade das escolas selecionadas; descrever e analisar o que foi observado quanto ao espaço físico e se os mesmos são suficientes para a prática das aulas.

Sabe-se que o termo “escola” deriva do latim, referindo-se a um estabelecimento no qual se dá qualquer gênero de instrução, que segundo Dayrell (1996, p. 2) é composto por relações sociais que estão entrelaçadas através de normas, conflitos, estratégias e acordos. Portanto, escola é um local de construção constituída por diversas descobertas que ocorrem no cotidiano do sujeito que está inserido no meio.

Essa diversidade de relações acontece no espaço escolar, que pode potenciá-las ou podá-las. Desse modo, ao olharmos para os termos legais, as escolas deveriam apresentar diversas qualidades estruturais para receber os alunos de forma que atendessem a todas as necessidades da comunidade escolar. Porém na prática, muitas vezes não existe a promoção de uma construção de ações coletivas e de ações inclusivas com participações conscientes e responsáveis, como deveriam acontecer e constar nos objetivos da escola.

Dessa forma, pensar nessa promoção está relacionado ao espaço disponibilizado para que essas ações coletivas e inclusivas se concretizem. Assim, a importância da infraestrutura justifica-se a partir do argumento de Beltrame e Moura (2011, p. 4) que esse espaço escolar é essencial para a formação do sujeito e o meio que o rodeia, necessitando ser reestruturado constantemente, para que as interações possam ser significativas no processo.

Nesse sentido, é preciso compreender a estrutura física como um ambiente vivo, em que acontecem interações com os indivíduos presentes e suas respostas ao ambiente que os cercam. A existência de uma boa qualidade estrutural nas escolas e a falta da mesma acarreta questões que influenciam diretamente no trabalho realizado por profissionais da área, o que pode, ou não, dificultar a concretização dos objetivos educacionais.

Este trabalho lança um olhar específico para o componente curricular Arte, justificado por suas particularidades em relação aos espaços para a concretização das atividades pedagógicas que envolvem o processo de ensino-aprendizagem no ambiente escolar.

É importante que se entenda, antes de mais nada, o processo histórico do ensino de Arte na educação formal no Brasil a fim de que, posteriormente, seja percebida a sua importância e a necessidade de se buscar espaços especializados para a realização da mesma. Somente compreendendo os caminhos que a Arte traçou na educação, desde a sua origem até os dias atuais, é possível reconhecê-la e valorizá-la no ambiente escolar.

Para iniciar esses estudos, no primeiro capítulo consta o marco teórico que norteou toda a pesquisa relatada neste trabalho. O primeiro item relaciona a *Arte e seu ensino*, descrevendo a realidade da Arte no Brasil e sua trajetória. Após, compreender a forma como a Arte chegou até as escolas, foi preciso entender a necessidade de um espaço

adequado para que ocorra a aprendizagem de forma significativa no ensino de Arte. Sendo assim, o segundo item trouxe autores que tratam sobre essa questão do *espaço e sua importância*.

O segundo capítulo aborda a *Observação das escolas* pesquisadas no município de Viçosa, retratando a infraestrutura das mesmas, sob a perspectiva da autora diante suas visitas aos ambientes selecionados, expondo a realidade existente para que o leitor tenha conhecimento das características físicas<sup>1</sup>.

O terceiro capítulo retrata as *Relações entre espaço e aprendizagem em Arte*.

O quarto capítulo contempla *reflexões acerca das realidades levantadas pelos docentes* pesquisados a respeito de suas atuações no cotidiano escolar, descrevendo suas dificuldades na realização de suas aulas e analisando as possíveis interferências no processo de ensino-aprendizagem em Arte. Este capítulo divide-se em itens sobre as questões relacionadas aos *Espaços utilizados para a aula de Arte, Qualidade da infraestrutura física dos espaços disponíveis para as aulas de Arte na escola e Sugestões relacionadas à infraestrutura física destinada às aulas no ambiente escolar*, deste modo, finalizando este trabalho com propostas alternativas do uso dos espaços disponíveis para que assim os docentes e futuros docentes em Arte descubram mais possibilidades para a prática artística dentro das escolas.

---

<sup>1</sup>Essas características estão expostas de modo mais detalhado no anexo deste trabalho.

## 2. METODOLOGIA

Para este trabalho foi realizada uma pesquisa qualitativa, considerando-se que, segundo Godoy, esta “ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes” (GODOY, 1995. p. 21).

Godoy (1995.p. 21) observa que a pesquisa qualitativa permite que os investigadores proponham trabalhos que explorem novas perspectivas a partir da imaginação e criatividade. Para Maanen, ela “tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação” (MAANEN, 1979 a, p. 520 *apud* NEVES, 1996. p.1).

De acordo com Neves (1996), a pesquisa qualitativa é feita no local de origem dos dados, no qual o pesquisador expõe suas percepções e preocupa-se com aspectos da realidade. Ele considera que esse tipo de pesquisa compõe diversos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, ampliando as relações entre pesquisador e pesquisado, possibilitando a aproximação e o entendimento da realidade investigada, fornecendo possibilidades para uma intervenção.

Nesta pesquisa, utilizou-se como instrumentos metodológicos a revisão bibliográfica, questionário respondido através de endereço eletrônico, observação das escolas selecionadas e conversas informais com os docentes atuantes na área de Arte, que foram retratados sem citar seus nomes, para a preservação de sua identidade e das escolas que trabalham.

Sobre a revisão bibliográfica, Barros (2009) disserta que “o que se pede na Revisão Bibliográfica são comentários críticos sobre alguns itens da bibliografia existente que você considera particularmente importantes, seja para neles se apoiar, seja para criticá-los”. Já sobre o questionário, Marconi e Lakatos (2003, p. 201) *apud* Barroso (2012, p. 2) o definem como “um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”. A análise dos dados obtidos através destes questionários foi feita à luz dos documentos encontrados na pesquisa bibliográfica, bem como, de acordo com a observação dos locais feita pela autora.

Essa pesquisa iniciou-se no período de junho de 2016 a junho de 2017. Foram escolhidos quatro docentes atuantes nas escolas da rede pública estadual de ensino do Município de Viçosa-Mg, todos formados no curso de Dança da Universidade Federal de Viçosa – UFV, com tempo de atuação no ambiente escolar que varia de um a cinco anos. As escolas selecionadas recebem em torno de 3.000 alunos, três a partir do primeiro segmento do Ensino Fundamental (anos iniciais) até o nono ano do Ensino Fundamental (anos finais). As demais atendem o segundo segmento do Ensino Fundamental (6º ao 9º) até o Ensino Médio. Somente uma escola atende a EJA – Educação de Jovens e Adultos. Dentre as escolas analisadas, três estão inseridas em bairros periféricos e uma dentro do *campus* da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Os quatro professores selecionados para responder os questionários são formados na Licenciatura em Dança pela UFV. Essa particularidade está relacionada ao desejo de saber como os profissionais que estão preparados para dar aulas de Dança, que exige

espaço, lidam com a estrutura física que as escolas oferecem em aulas do componente Arte.

Outra questão é que, por termos em Viçosa um curso de graduação em Dança, a maior parte dos professores de Arte possui essa formação e são ex-alunos da Universidade. De dez professores da rede estadual de ensino, atualmente sete são formados em Dança e três em Artes Visuais. É notório observar que essa informação influenciou diretamente na visão relacionada aos espaços necessários para as aulas de Arte, proporcionada por este trabalho.

Ao fazer a pesquisa das bibliografias referentes ao tema, verificou-se que muito é falado sobre os espaços escolares, porém, na maior parte das vezes, através da perspectiva de outras áreas de conhecimento, como Educação Física e Arquitetura. Diante de vários autores pesquisados dessas áreas foram escolhidos Melo (2012), Lima (1998), Moreira (2015), Damásio; Silva (2008) para embasar esse trabalho, contribuindo com as questões do espaço de forma geral.

Já em relação à Arte, nota-se que existem poucos documentos e pesquisas que abrangem o assunto. Dentre os autores que encontramos e que propõem uma discussão sobre o espaço do ensino de Arte nas escolas destacam-se Silva (2008), Carvalho; Freitas; Neitzel (2014), Cross (1924). Deste modo, percebeu-se a necessidade de materiais acadêmicos relacionados à falta de espaços físicos adequados à prática artística no ambiente escolar.

### 3. REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1. ARTE E SEU ENSINO

De acordo com a Proposta Curricular–Arte (2006, p.3): “É fator importante equipar a escola com sala ambiente para desenvolver as aulas de Arte [...] no intuito de proporcionar vivências significativas no ensino de Arte”.

O ensino de Arte na educação formal no Brasil tem início em 1816 com a Academia Imperial de Belas Artes<sup>2</sup>, fundada por D João VI. Mais tarde, em 1873, foi criado a o Liceu<sup>3</sup> de Belas Artes e Ofícios de São Paulo contendo o curso de com aplicação em artes e a indústria. Na educação Básica, há diversos momentos de inserção da Arte e de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN Arte (1997), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n° 5.692/71, inclui a Arte no currículo escolar com o título de Educação Artística<sup>4</sup>, mas ainda sendo considerada como “atividade educativa” e não disciplina. “Após esta Lei, os professores de Desenho, Música, Trabalhos Manuais, Canto Coral e Artes Aplicadas, que utilizavam para as aulas os conhecimentos específicos de suas linguagens, passaram a ver esses saberes transformados em atividades artísticas” (GOMES, 2010, p. 4).

---

<sup>2</sup> Rede de São Paulo. Formação docente. Disponível em: [https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40427/3/2ed\\_art\\_m1d2.pdf](https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40427/3/2ed_art_m1d2.pdf). Acesso em 30 de junho de 2017, às 20:35.

<sup>3</sup>Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo (Laosp) – Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao17403/liceu-de-artes-e-oficios-sao-paulo-sp>. Acesso em 30 de junho de 2017, às 20:40.

<sup>4</sup>Lei no. 5.692/71, Cap. I, “Art. 7º Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus, observado quanto a primeira o disposto no Decreto-Lei n. 369, de 12 de setembro de 1969”. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L5692.htm#art87](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692.htm#art87). Acesso em 30 de junho, 2016 às 21:00.

A lei nº 4.024/61 foi revogada pela Lei de nº 5.692/71, a partir disso a “Educação Artística”, no Ensino Primário, era tratada como iniciação às “técnicas de artes aplicadas, adequadas ao sexo e à idade”; no Ensino Médio, era destinada à formação do adolescente e inserida como “atividades complementares de iniciação artística” (Cap. IV, art. 38) sem explicações ou detalhamento do que seria essa iniciação. Já no ensino técnico, destinado à formação de estudantes para função de técnicos em diferentes áreas e voltado para o ensino industrial, estabelece-se – como sugestão – que se mantenham “cursos de aprendizagem, básicos ou técnicos, bem como cursos de artesanato e de maestria” (Cap. III, Art. 50).

Em 1988, iniciaram-se discussões sobre a nova LDB, e ocorreram modificações no Projeto de Lei, nº 1258-C (1988), cujo Art. 33 diz que, “o ensino da arte constituirá componente obrigatório, nos diversos níveis da Educação Básica, para desenvolver a criatividade, a percepção e a sensibilidade estética”. Deste modo a LDB - Lei nº 9.394/96 em consonância a esta PL 1258-C, considerou o ensino da arte na Educação Básica como “componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da Educação Básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (Art. 26 § 2º, LDB, 1996).

No fim da década de 1990, o contexto modifica a nomenclatura “Educação Artística” para “Arte”, “mobilizando novas tendências curriculares em Arte”. Este novo marco histórico se caracteriza então, pelas reivindicações com relação à identificação da área como Arte (e não mais Educação Artística) e em relação a sua inclusão na matriz curricular como área com conteúdos próprios “ligados à cultura e não apenas como atividade” (BRASIL, 1997, p. 25).

Mesmo que ensino de Arte tenha sido inserido na LDB n° 9.394/96, sabe-se que, ainda hoje existe um enorme desconhecimento sobre a área. Os próprios documentos da área (PCNs) e a prática nas escolas demonstram que:

A arte já foi considerada matéria, disciplina, atividades, mas sempre mantida à margem das áreas curriculares tidas como mais “nobres”. Dessa forma estando em um lugar menos favorecido, por ser desconhecida em termos pedagógicos e como ser trabalhada como fonte de conhecimento (PCN-ARTE, 1998, p.26).

Ainda mais específicas no PCN-Arte, destacam-se as quatro linguagens abordadas: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, com suas respectivas especificidades. Fornece conteúdos que possam ser trabalhados em cada linguagem e também associa-os às outras disciplinas, acarretando o diálogo com a interdisciplinaridade. É importante ressaltar que na LDB- Lei n° 9.394/96 não especifica quais linguagens deverão ser trabalhadas no ensino da Arte.

Em três de maio de 2016, foi finalmente sancionada a Lei 13278/16, que altera a Lei 9.394/1996 da LDB e inclui, de forma obrigatória e específica Artes Visuais, a Dança, a Música e o Teatro em todos os níveis do ensino escolar. Essa lei “tem origem no substitutivo da Câmara dos Deputados (SCD) 14/2015 ao projeto de lei no Senado (PLS) 337/2006, aprovado no início de abril pelo Plenário do Senado” (AGÊNCIA SENADO, 2016).<sup>5</sup>

O Sistema de ensino tem o prazo de cinco anos para que “implantem as mudanças decorrentes desta Lei, incluída a necessária e

---

<sup>5</sup> Agência Senado. Disponível em: <http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/05/03/lei-inclui-artes-visuais-danca-musica-e-teatro-no-curriculo-da-educacao-basica>. Acesso em 30 de junho de 2018, às 21:42.

adequada formação dos respectivos professores em número suficiente para atuar na educação básica”, como está descrito no Art. 2º:

A proposta original, do ex-senador Roberto Saturnino Braga, explicitava como obrigatório o ensino de música, artes plásticas e artes cênicas. A Câmara dos Deputados alterou o texto para “artes visuais” em substituição a “artes plásticas”, e incluiu a dança, além da música e do teatro, já previstos no texto, como as linguagens artísticas que deverão estar presentes nas escolas (AGENCIA SENADO, 2016).

Após essa publicação, em setembro de 2016, é sancionada uma proposta de Reforma do Ensino Médio que retira a obrigatoriedade do ensino de Arte neste segmento, colocando-a como optativa. Mas essa mudança ainda não foi efetuada, gerando muitas discussões e possíveis aprovações apenas em 2018, pelo MEC, como informado em seu portal eletrônico.<sup>6</sup> Sendo assim, a Lei 13278/16 permanece em vigor.

Com a obrigatoriedade do ensino de Arte em suas quatro linguagens artísticas, a necessidade de a escola possuir uma boa infraestrutura torna-se algo ainda mais relevante, pois esta se relaciona à prática de atividades que estão inseridas no currículo e que devem ser devidamente aplicadas.

Dentre os fatores de uma boa estrutura, pode-se destacar a importância de um ambiente favorável para a realização dessas aulas, com a qual se “propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas por meio dele”, cujo objetivo é buscar que o aluno se desenvolva potencializando sua sensibilidade, percepção, reflexão e imaginação. (BRASIL, 1997. p. 18).

---

<sup>6</sup> Disponível em [http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361#nem\\_09](http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361#nem_09) >  
<. Acesso em: Junho/2017 às 19:00.

O conhecimento em Arte abre um leque de opções para os alunos, proporcionando o entendimento, a compreensão do mundo no qual a dimensão poética esteja presente, com transformações contínuas, contemplando mudança de referenciais a todo o momento, de forma flexível criando-se possibilidades de aprendizado. (BRASIL, 1997).

### **3.2. ESPAÇO E SUA IMPORTÂNCIA**

O espaço físico escolar é essencial para o desenvolvimento dos alunos, tornando-se um elemento significativo em todo conjunto escolar. Segundo Melo (2012), diversos profissionais da educação já reconhecem a importância do espaço físico escolar agradável para um bom processo de aprendizagem para os alunos.

A importância do espaço para Ribeiro (2004) vai além, pois o mesmo é “um constructo<sup>7</sup> gestado por múltiplos interesses manifestos e ocultos que podem afetar a vida dos sujeitos, gerando inclusões e exclusões” (p. 2). Dessa forma, o espaço físico escolar também compreende significados que nem sempre se revelam exteriormente.

Para um melhor funcionamento e andamento de uma instituição como um todo, faz-se “necessário identificar parâmetros essenciais de ambientes físicos que ofereçam condições compatíveis” pensando, planejando e organizando de maneira correta para que se tenha um bom desenvolvimento do aluno e um aprendizado diferenciado (BRASIL, 2006, p. 21).

Sendo assim, as escolas deveriam ser pensadas da melhor maneira possível, dentro das possibilidades físicas, políticas, financeiras e administrativas para acolher os estudantes que nela passam boa parte de

---

<sup>7</sup> É uma criação mental, simples, que serve de exemplificação na descrição de uma teoria.

suas vidas. E acolher, nesse caso, inclui ser um espaço propício para o seu desenvolvimento:

Escola não é estacionamento de crianças. O espaço físico é material riquíssimo e está sendo totalmente desprezado. Nos projetos de construções escolares não há lugar para bibliotecas, laboratórios e quadras de esportes, o que limita as possibilidades de aprendizado (RESENDE, 2015, p.7 *apud* SOUZA LIMA, 1998, p.31).

Boa parte dos estudantes que frequentam nossas escolas, principalmente as da rede pública, não tem acesso a esses lugares de aprendizado fora da escola, como bibliotecas, quadras, laboratórios, dentre outros. Não pensar nesses lugares ao realizar os projetos escolares pode limitar, de alguma forma, o processo de aprendizagem, além de restringir o acesso desses estudantes que não tenham outras oportunidades de usufruir desses espaços.

Porém, esse processo de diminuição dos espaços alternativos dentro da escola, que reflete ainda hoje na arquitetura das instituições, aconteceu com a democratização da educação, tendo como início o momento em que a obrigatoriedade escolar atingiu todas as classes. Essa mudança legal foi limitando, aos poucos, a construção de espaços alternativos dentro da escola, e subsequente o acesso, a esses locais, reduzindo o espaço escolar às salas comuns:

À medida que as camadas populares, em massa, conquistaram o direito à educação, os espaços escolares passaram por um processo de emagrecimento. Desapareceram os laboratórios, a biblioteca, o antigo salão ou auditório e o próprio galpão destinado ao recreio passou a ser dimensionado para o sistema de rodízio. (LIMA, 1989, p. 37).

Nos parâmetros básicos de infra-estrutura para instituições de Educação Infantil (BRASIL, 2006), por exemplo, afirma-se que a escola se torna um lugar de referência para as pessoas que por ela já

passaram e o prédio escolar tem um papel de destaque na memória das pessoas associando-se a memórias vividas tanto pelos alunos, professores e toda comunidade escolar. E apesar de ser um documento apenas para o segmento da Educação Infantil, pode ser uma boa reflexão para todos os outros.

Neste mesmo documento relata-se que o aspecto arquitetônico, combinado com outros, pode auxiliar ou prejudicar as atividades que acontecem na escola, porque o espaço pode influenciar diretamente no modo de uma atividade ocorrer, deixando-a mais fluida ou não. Dessa forma, para que seja agradável e atrativa é preciso encontrar lugares adequados para realizá-la:

O espaço escolar deve compor um todo coerente, pois é nele e a partir dele que se desenvolve a prática pedagógica, sendo assim, ele pode constituir um espaço de possibilidades, ou de limites; tanto o ato de ensinar como o de aprender exigem condições propícias ao bem-estar docente e discente. (RIBEIRO, 2004, p. 3).

Apesar de se compreender que a qualidade de vida ou do ambiente e o bem estar dos alunos e da comunidade escolar não estarem condicionados apenas às características físicas de um espaço, essas têm um lugar primordial e não podem ser deixadas em desvantagem em relação às outras dimensões do espaço escolar (RIBEIRO, 2004).

Moore (1992) afirma que de acordo com algumas pesquisas que foram realizadas, pôde-se comprovar que as crianças, ao ficarem em espaços muito restritos e que não são adequados para as atividades realizadas, tornam-se mais agressivas, agitadas e a interação se reduz.

Sabe-se que um espaço físico condiciona o tipo de atividade que será realizada no ambiente escolar, e que o espaço e suas condições influenciam de forma positiva ou não no bem estar dos profissionais ali

envolvidos (ALMEIDA; BRITO; ALMEIDA, 2008 *apud* MOREIRA, 2015, p. 7).

Esse fator do condicionamento não está somente relacionado à questão do bem estar ou não, dos profissionais ou até mesmo estudantes envolvidos. O aspecto do condicionamento também está relacionado à escolha das atividades que serão realizadas, limitando-as quando os espaços não são adequados.

Damasio e Silva (2008), acreditam que:

... as condições materiais (instalações, material didático, espaço físico) interferem de modo significativo nos trabalhos pedagógicos. Os esforços dos professores, por mais criativo que sejam e diante dos mais belos ideais educativos, podem fracassar, caso não encontrem espaços e condições materiais para concretização de seus planos de trabalho. (DAMASIO; SILVA, 2008, p.10).

Mesmo diante das melhores didáticas, planejamentos excepcionais e as mais criativas atividades, o fator que muito interfere no trabalho a ser realizado é a falta de um espaço adequado, onde a falta do mesmo, não permite que as condições primárias, as quais sejam, trabalhos pedagógicos e concretização de planos se concretize com êxito.

Moreira (2015) ressalta que a infra-estrutura de uma escola é um ponto importante para um bom andamento das aulas, seguindo critérios e buscando sempre responder as necessidades dos diferentes tipos de práticas. Dessa forma entende-se que a estrutura física tem um papel primordial no andamento da disciplina Arte.

O Currículo Básico Comum do Ensino Fundamental, CBC (MINAS GERAIS, 2008), na área de Arte aponta que este componente curricular “possibilita aos alunos a construção de conhecimentos e

interação com seus sentimentos, por meio do pensar, apreciar e fazer artístico” (p. 10).

Assim, encontramos aqui uma particularidade da aula de Arte “que é uma área do conhecimento humano e, como tal, possui saberes específicos” (VILLAÇA, 2012). Em consonância com seus saberes específicos, encontramos as necessidades em relação aos espaços adequados para o fazer artístico.

Essas vivências, que demandam espaço, tempo e planejamento específicos, são de grande importância para a aula de Arte e não poderiam simplesmente ser esquecidas ou substituídas, pois, como foi visto anteriormente, são essenciais para a construção do conhecimento artístico e de si mesmo.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental (BRASIL,1997), aponta-se que a educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, a percepção estética, tendo um modo único de dar sentido à experiência humana, fazendo o aluno desenvolver a sensibilidade, a imaginação, a percepção:

A arte pode vir a agregar muito valor ao processo de ensino aprendizagem, pois trabalha o sensível-cognitivo no aluno. Mas é relevante todo um embasamento, seja ele físico, emocional, cognitivo e de atitudes criativas para que a disciplina funcione como um meio, um canal, uma linguagem em busca de uma educação de qualidade. (NASCIMENTO E RIBEIRO, 2014, p. 61)

Esse embasamento (físico, emocional, cognitivo e criativo) é necessário para que as atividades sejam significativas e desenvolvam nos estudantes as destrezas, habilidades e capacidades que o fazer artístico pode lhes proporcionar. Diante essa preparação e cuidado, o desenvolvimento é potencializado e as atividades têm a possibilidade de acontecerem da melhor forma possível, propiciando a aprendizagem.

#### **4. OBSERVAÇÃO DA ESCOLA**

Na parte de observação das escolas para uma melhor contextualização deste trabalho, adequando-o a realidade, foram visitadas quatro instituições estaduais de ensino de Viçosa-MG, que contemplam a Educação Básica.

Juntas, as escolas atendem em torno de 3.000 alunos, entre estas, três recebem alunos a partir do primeiro segmento do Ensino Fundamental (anos iniciais) até o nono ano do Ensino Fundamental (anos finais). As demais atendem o segundo segmento do Ensino Fundamental (6º ao 9º) até o Ensino Médio. Somente uma escola atende a EJA – Educação de Jovens e Adultos.

O objetivo dessas visitas ao ambiente escolar foi o de visualizar a realidade das escolas pesquisadas, descrevê-las (vide anexo) e entendê-las, de forma a conhecer os espaços existentes, e de maneira mais específica, os utilizados para as aulas de Arte.

De acordo com Bracht (2003, p. 39), “a existência de materiais, equipamentos e instalações adequadas é importante e necessária para as aulas [...], sua ausência ou insuficiência podem comprometer o alcance do trabalho pedagógico”. Dessa forma, busca-se entender que existe uma necessidade de equipar de maneira mais adequada as escolas com materiais, mas dando uma atenção maior à questão do espaço físico. Esses recursos disponíveis são elementos didáticos que, utilizados no ambiente de ensino-aprendizagem, tornam a participação mais efetiva do aluno nas atividades pedagógicas.

A partir da pesquisa bibliográfica e das vivências já relatadas, percebeu-se a importância de locais apropriados para a Arte, considerados de extrema relevância para o aluno, pois a estrutura física escolar se torna também um processo educador, ou seja, um elemento

curricular muitas vezes invisível, mas que é por si só explícito e manifesto.

As aulas de Arte das escolas pesquisadas ocorrem nas salas de aula comum, local em que se encontram mesas e cadeiras necessárias para as atividades pedagógicas de outros componentes curriculares. Para as aulas de Arte, a não ser para atividades referentes a alguns conteúdos de Artes Visuais, a disposição desses móveis pode ser prejudicial já que impossibilita maior transição corporal no espaço. Deste modo, sabe-se, a partir das vivências da pesquisadora deste trabalho e dos questionários realizados, que algumas atividades práticas não são realizadas por falta de salas mais espaçosas o que limita a aplicação de determinados conteúdos e o processo de aquisição de conhecimento que, nas aulas de Arte, não se dá somente a partir de dados teóricos.

Entre todas as escolas selecionadas, apenas uma disponibiliza mais espaços para a aula de Arte, mas esses espaços não são adequados em sua totalidade, quais sejam a sala do grêmio, que contém espelho, dessa forma os alunos possam se ver no momento das aulas e possui piso frio, mas para aulas que não demandam a utilização do chão (para se deitar) os alunos conseguem realizá-las. Encontram-se também a área das mesinhas (são presas ao chão), ao lado um palco e um espaço aberto, com piso de cimento. A sala de vídeo e os laboratórios específicos, caso seja necessário o uso de mídias, os mesmos possuem *data show* e, por fim, a área verde com um espaço amplo, mesas, cadeiras fixadas ao chão e um quadro, mas o piso também é de cimento.

Quando se pensa em um local ideal para que as aulas de Arte ocorram, é necessário investigar as necessidades de cada linguagem

artística e suas especificidades, buscando assim, um local que possa abrangê-las e que seja um ambiente propício à criação.

Olhando a realidade das escolas selecionadas, um dos aspectos que se percebe é a falta de planejamento no projeto arquitetônico referente às salas especializadas, como de química, física, ciências, educação física e as específicas das linguagens artísticas: artes visuais, música, dança e teatro.

Com relação à história das instituições pesquisadas, as escolas selecionadas para este trabalho foram fundadas entre 1965 e 1971, ou seja, após a criação e sanção da LDB de 1961, que inicia a trajetória do ensino de Arte no ambiente escolar. Porém, mesmo sendo construídas após esse período, não foram incluídas em seus projetos salas ambientes para as aulas de Arte, na época ainda nomeada como “Educação Artística”.

Desse modo, ao deparar-se com a falta de recursos relacionados aos ambientes especializados, os professores das mais variadas áreas, devem adaptar-se aos espaços existentes. Não que essa adaptação seja somente negativa ou que impossibilite a aprendizagem; pelo contrário, permite também a experiência de vivenciar novos espaços e suas possibilidades, pois todo espaço físico proporciona isso. A esse respeito, CARVALHO; FREITAS; NEITZEL observam que:

Se o ambiente físico da escola para o desenvolvimento da arte é precário, isso não deve, no entanto, resultar em fator impeditivo à sua realização. Não será a sala de aula construída e equipada nos seus mínimos detalhes que garantirão a qualidade e o sentido da arte produzida ou apreciada dentro ou fora da escola. Influencia sem dúvida, mas não impede que aconteça (CARVALHO; FREITAS; NEITZEL, 2014, p.76)

Neste sentido, é possível citar algumas experiências gratificantes. Foi vivenciada pela autora e outros colegas durante a atuação no PIBID uma experiência que diz respeito à adaptação dos espaços da escola. Ao nos depararmos com a falta de espaços, os bolsistas enxergaram na ausência de locais apropriados a possibilidade de sua criação.

Nesse projeto foram realizadas diferentes atividades, incluindo performances e instalações em diversos espaços da escola, que na primeira impressão poderiam parecer inviáveis para o fazer artístico. Dessa maneira, foi proposto aos alunos que a escola fosse ocupada incluindo escadas, rampas, pátio, corredores. As atividades tiveram por objetivo o reconhecimento do espaço escolar para entendê-lo de modo a gerar uma relação de pertencimento e cuidado.

Outra vivência ocorrida em uma segunda escola, com utilização de espaços abertos, promoveu atividades relacionadas à natureza, proporcionando apreciação e contato direto com o ambiente. Além disso, já ocorreram também fruições de espetáculos artísticos no pátio, realizados por convidados, tornando-o um ambiente propício à Arte.

Ainda assim, entende-se também, que a vivência em espaços diferenciados para promoção de novas experiências deveria ser uma escolha metodológica e não uma obrigatoriedade que muitas vezes limita outros processos de aprendizagem por não ter espaços físicos adequados.

Por mais que, como aponta Carvalho, Freitas, Neitzel (2014, p. 74), o professor seja um mediador do processo criativo que acontece da interação dos estudantes com os ambientes, a vivência contínua de adaptações acarreta ao professor um grande desconforto, porque ele se limita apenas às possibilidades oferecidas pelos espaços que são

fornecidos e diversas vezes seu objetivo principal com alguma atividade se perde no decorrer do caminho, por não ser adaptável ao ambiente disponível, não possibilitando tudo o que um espaço especializado poderia fazê-lo: “Os espaços diferenciados podem possibilitar a apreciação de obras de arte, bem como fomentar a contextualização artística e a pesquisa e produção, possibilitando a formação estética dos/as alunos/as” (CARVALHO; FREITAS; NEITZEL, 2014, p. 74).

Apesar de tudo o que foi mencionado anteriormente, mesmo reconhecendo que é difícil o processo de adaptação das aulas aos ambientes disponíveis, constata-se que é possível proporcionar diferentes vivências aos alunos ainda que não se tenha os espaços adequados e salas de Arte propícias para as diversas linguagens, porém também, não é possível posicionar a aula de Arte apenas à mercê da falta de espaços para sua realização. O professor de Arte pode e deve usufruir das experiências possíveis com a falta de espaço, mas apenas quando isso se torna um fator pedagógico, que ele selecionou para suas aulas. Quando isso se torna apenas um limitador, pode ser problemático

## **5. RELAÇÕES ENTRE ESPAÇO E APRENDIZAGEM EM ARTE**

Segundo Escolano (2001 *apud* Cavalieri 2007, p.3), o espaço escolar está repleto de significados no qual são transmitidos estímulos, conteúdos e valores, constituindo o currículo oculto, que são as informações difundidas subjetivamente no processo de ensino aprendizagem.

Essas informações são importantes na utilização do espaço, pois cada ambiente carrega individualmente diferentes estímulos, conteúdos e valores que são transmitidos através da sua utilização, assim, acrescentando significações que irão auxiliar na aprendizagem e no desenvolvimento das aulas. Mediante ao exposto é possível compreender a necessidade de possuir um espaço adequado, como aponta o professor entrevistado: “O espaço adequado tem muita importância na realização das aulas, porque também é a partir dele que a aprendizagem se concretiza e torna-se significativa tanto para os alunos quanto para o professor” (Professor 3).

Dessa forma, nota-se que é de suma importância uma atenção especial acerca do espaço reservado às aulas de Arte, para o desenvolvimento do aluno. Isso implica diretamente em “momentos visando a formação do/a aluno/a como apreciador/a e produtor/a de arte, pautados na formação estética e no fazer artístico” (CARVALHO; FREITAS; NEITZEL, 2014, p. 80).

[...] a sala de Arte é um exemplo de espaço produtivo e dinâmico, que desenvolve estruturas mentais no educando, propicia as relações humanas, favorecendo a integração das diversidades e da cultura existentes, permitindo a percepção de si e do outro, aproximando e inserindo. (SILVA, 2008, p.10)

Considerando-se a importância do espaço e suas significações retratados anteriormente, é possível compreender como o professor 3 aponta a necessidade do espaço para a concretização do conhecimento. Carvalho, Freitas e Neitzel (2014) afirmam que é esse espaço que auxilia e complementa a formação estética e artística do aluno, provocando o conhecimento de si, do outro e do mundo, como concorda Silva (2008).

Essa infraestrutura citada deve ser coerente com as atividades realizadas na escola, de forma que atenda com eficiência às ações educacionais que são desenvolvidas no ambiente escolar. Nessa perspectiva, o relato do professor 3 retrata que: “[...] os espaços disponíveis para realização das aulas interferem significativamente na realização das mesmas, provocando nos estudantes diferentes emoções sendo elas positivas ou negativas” (Professor 3).

De acordo com Silva (2008)<sup>8</sup>, é possível perceber que o espaço possui um poder de influência no desenvolvimento global do aluno, afetando em sua forma de agir, de lidar com os outros e na forma como esse espaço pode provocar emoções e reações.

Como um ponto essencial para reflexão sobre a inadequação dos espaços disponíveis e sua estrutura, Freitas (2008, p. 1), afirma que “[...] a forma como organizamos os espaços é tão importante para a aprendizagem quanto ter uma boa didática na sala de aula, e que pouco adianta investir na didática se os seus espaços afirmam o contrário”.

Assim é preciso entender que o andamento das atividades está relacionado ao espaço, bem como a didática, podendo os dois influenciar nesse desenvolvimento, pois como afirma Frago (2001 *apud*

---

<sup>8</sup> Sala de Arte: A importância do espaço. <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1657-8.pdf>. Acesso em 20 de abril de 2017, às 17:00.

Silva 2008, p. 9), “o espaço educa”. Desse modo, o espaço deve ser pensado de forma a possibilitar o desenvolvimento de um sujeito crítico e reflexivo (SILVA, 2008).

## **6. REFLEXÕES ACERCA DAS REALIDADES LEVANTADAS PELOS DOCENTES.**

Foram realizados questionários e conversas informais com quatro professores licenciados em dança para mostrar, a partir da visão destes docentes, como é a realidade dos espaços físicos da escola, principalmente em relação aos disponíveis para as aulas de Arte. De acordo com as respostas fornecidas, foram elencados pontos importantes para as reflexões acerca das relações entre espaço físico e o desenvolvimento das aulas.

Algumas questões foram enviadas por e-mail aos professores, quais sejam: Quais eram os espaços mais utilizados durante suas aulas de Arte? Por que você utilizava esses espaços? É importante que as aulas de Arte tenham seu próprio espaço dentro da instituição de ensino? Por quê? Os espaços utilizados na escola para as aulas de Arte interferem no andamento das aulas? Como? Qual a qualidade da infraestrutura física para as aulas de Arte na escola? Dê sua sugestão para a melhoria das infraestruturas físicas destinadas as aulas de Arte na escola.

### **6.1. ESPAÇOS UTILIZADOS PARA AULA DE ARTE**

Após a observação da infraestrutura física de todas as escolas participantes da pesquisa, perguntou-se aos docentes ministrantes do componente curricular Arte quais eram os espaços utilizados para as aulas de Arte na escola, considerando que a maior parte possui quadra, laboratórios específicos de ciências, química e física e salas de aulas comuns, com carteiras e cadeiras.

A maior parte das aulas de Arte ocorre dentro das salas de aulas comuns, por falta de um espaço especializado, ou seja, salas específicas

para o uso da disciplina que contenham um espaço para atividades práticas. Essas salas possuem carteiras que dificultam a mobilidade corporal no espaço. A exemplo disso o professor 2 nos explica que oferece suas aulas em: “Sala de aula normal, porque eu não tinha disponível a quadra por causa da educação física e o outro espaço reservado era utilizado com a aula da Educação Integral” (Professor 2).

Ao não ter uma sala apropriada, os professores explicam que utilizam outros espaços da escola no intuito de potencializar o aprendizado de determinados conteúdos da Arte: “Minhas aulas ocorriam em diferentes espaços... sala de aula comum, sala de vídeo, laboratórios, área verde, pátio da escola, sala do grêmio.... e também a área das mesinhas” (Professor 3).

A necessidade de um lugar específico para a prática artística dentro da escola está relacionada à necessidade do aluno experimentar e construir o seu conhecimento em arte a partir das diferentes vivências com as diversas linguagens artísticas. Entende-se que é necessário discutir e repensar a disponibilidade e/ou adequação qualitativa desses ambientes especializados, assim como ressalta Silva (2008) ao tratar de um espaço adequado para as Artes Visuais:

Constata-se que há necessidade de se repensar: desde o mobiliário escolar, que para a promoção do desenvolvimento do aluno, necessitam de mesas e cadeiras com mobilidade de novas composições e de investir-se em equipamentos, que como recursos didáticos enriquecem e facilitam a compreensão do plano curricular. Sugere-se um mural para exposições; retroprojeter para apresentação de imagens; tv multimídia; computador; pranchas com imagens entre outros; bem como, adquirir-se materiais possibilitadores da experimentação prática do aluno, pois o professor não pode ficar limitado ao trabalho teórico por falta de recursos. A sala de Arte deve ser promoção das vivências pessoais e interpessoais para a construção do conhecimento (SILVA, 2008, p. 18).

Sem se repensar esses espaços, os profissionais da área são deixados ao risco das intempéries e sempre prejudicados pela necessidade de adequação dos conteúdos aos espaços que lhe são proporcionados pelas escolas, enquanto o contrário deveria acontecer: as escolas se adequarem à melhor ambientação do ensino aprendizagem.

De acordo com a vivência da autora desta pesquisa e dos relatos dos professores entrevistados, entende-se que as salas de aulas comuns não são apropriadas para a maior parte das atividades desenvolvidas nas aulas de Arte, já que, em sua maioria, são salas pequenas, com móveis que dificultam o desenvolvimento do trabalho prático, com piso inadequado ao trabalho corporal (se pensarmos nas aulas de Dança ou Teatro), iluminação, ventilação e acústica inadequada. A este fator sobre a infraestrutura os professores ainda complementaram as suas argumentações, explicando que isto se reflete negativamente sobre a importância que é dada ao componente curricular Arte, quando se pensa também em outros pontos, como o horário reduzido das aulas, a falta de material didático adequado para as atividades artísticas, entre outros aspectos.

Desta forma, entende-se que a falta de infraestrutura faz perder a possibilidade de criação e de abordagem de determinados conteúdos que se restringem por ficarem à mercê dos espaços físicos possíveis. É uma situação que, de acordo com as entrevistas realizadas, causa desmotivação nos profissionais da área levando-os a optarem algumas vezes em planejar aulas teóricas, por encontrarem tantas dificuldades ao realizar as práticas.

Esse é um ponto delicado porque não compete apenas ao professor a resolução dos problemas de falta de espaço adequado, mas

é a forma encontrada de imediato para a continuidade da disciplina, apesar de não ser a mais adequada, como descreve um professor entrevistado:

[...] a importância de ter um espaço para a Arte na escola é porque algumas atividades necessitam de um espaço adequado para sua realização e a falta dele acarretará em dificuldades de se trabalhar o que é necessário. Eu mesma, infelizmente, precisei desistir de fazer algumas atividades práticas por não ter um espaço disponível e adequado para tais, limitando meu trabalho à teoria (Professor 2).

Diante dos argumentos apresentados, foi preciso entender de quem era a responsabilidade dos problemas relacionados à falta de infraestrutura física na escola. O artigo 212, da Constituição<sup>9</sup> prevê que a verba arrecadada com os impostos deverá ser aplicada na manutenção e no desenvolvimento do ensino. No § 3º, está exposto que é de responsabilidade do Estado certificar prioridade no amparo as necessidades do ensino obrigatório de acordo com o Plano Nacional de Educação (PNE).

Sendo assim, no que diz respeito ao PNE<sup>10</sup>, criou-se como estratégia, no item 7.5, dar apoio técnico e financeiro:

(...) à melhoria da gestão educacional, à formação de professores e professoras e profissionais de serviços e apoio escolares, à ampliação e ao desenvolvimento de recursos pedagógicos e à melhoria e expansão da infraestrutura física da rede escolar”.

Porém, a falta de infraestrutura física, principalmente no que se diz respeito à aula de Arte, está relacionada a fatores de aspectos mais

---

<sup>9</sup> BLATTES, Ricardo Lovatto. Direito à educação : subsídios para a gestão dos sistemas educacionais : orientações gerais e marcos legais. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/direitoaeducacao.pdf>. Acesso em maio/2017.

<sup>10</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm). Acesso em maio/2017.

profundos, que apontam para uma falta de espaço que não só é somente física, pois nota-se que a disciplina também não encontra seu espaço em relação à prioridade e valorização dentro da escola.

Essas questões podem estar relacionadas à gênese da disciplina no ensino regular, na LDB de 1961, nomeada como “Educação Artística”, que era utilizada como um recurso para preencher a carga horária da grade curricular com uma abordagem técnica e de iniciação artística.

Outro ponto a se pensar é na desvalorização ainda existente da Arte pela sociedade, de modo geral, acarretando em faltas de recursos para manutenção, propagação e criação em Arte, como o professor 2 sugere: “somente quando a escola compreender a importância do ensino de Arte é que ela entenderá a importância de um espaço adequado para sua realização”.

## **6.2. QUALIDADE DA INFRAESTRUTURA FÍSICA DOS ESPAÇOS DISPONÍVEIS PARA AS AULAS DE ARTE NA ESCOLA**

A qualidade da infraestrutura física interfere na aprendizagem e tem muita importância para o desenvolvimento das atividades na escola. Ao visitar os locais que os professores entrevistados atuam foi possível entender a realidade existente e como a falta de espaço adequado afeta o desenvolvimento dos trabalhos propostos.

Além da importância do espaço construído, outro fator que pode interferir no desenvolvimento didático dos alunos são as condições ambientais da classe: acústica, temperatura, insolação, ventilação e luminosidade, as quais podem refletir-se em fatores tão diversos como a sociabilidade dos usuários, seu desempenho acadêmico e mesmo em sua saúde. (SOMMER, 1973 citado por ELALI, 2003 *apud* BELTRAME e MOURA, 2009, p. 2).

Ao observar as escolas, foi possível notar que os lugares disponíveis, de forma geral, além de não serem espaçosos, não possuem acústica, temperatura, ventilação e luminosidade adequadas que, não se tornando confortáveis para os que delas desfrutam. Nesse sentido, destacam Beltrame e Moura que:

Se considerar que o conforto térmico e o meio ambiente interferem no aproveitamento didático dos alunos em sala de aula, torna-se importante fazer avaliação do ambiente construído, com a necessidade de investigação para melhorar a qualidade ambiental final do espaço arquitetônico. Quanto melhor forem as condições de conforto térmico nos ambientes de uma edificação, melhor será o desempenho de quem os ocupa e o aproveitamento didático dos alunos em sala de aula, por isso tornam-se necessárias a análise e avaliação do ambiente construído. (BELTRAME; MOURA, 2009, p. 5).

Apesar desses fatores, as aulas não devem ser impedidas de se realizarem, como aponta Carvalho; Freitas; Neitzel (cf. 2014, p. 76). Pelo contrário, existem professores, que muitas vezes se adequam bem aos espaços, por um processo de criatividade, mas isso não pode ser uma via de mão única, determinando sempre a adaptação das suas aulas à mercê dos espaços que lhe são disponibilizados.

Dessa forma, o professor 2 relata a falta de espaços alternativos em sua escola, que geram dificuldades em relação ao andamento da aula:

Ainda só é disponível para as aulas de Arte a própria sala de aula. A mesma contém muitas carteiras e cadeiras, piso inadequado, o que dificulta atividades que trabalham o corpo e o espaço. Muitas aulas práticas não puderam acontecer, porque as salas não são tão espaçosas e com esses elementos, dificulta mais ainda. (Professor 2)

A forma como as carteiras podem ser dispostas, ou não, dentro da sala de aula poderá intervir no andamento da mesma. Em uma aula de Arte, não sendo possível essa mobilidade, seja pela quantidade, seja

pela falta de espaço, algumas atividades acabam comprometidas, já que, segundo Beltrame e Moura,

Observando uma sala de aula comum, é possível dizer que os móveis existentes e sua disposição pressupõem de que forma será a ocupação do local. Percepção que tende a ser confirmada no decorrer da experiência diária da interação professor-aluno e das normas institucionais. (BELTRAME E MOURA, 2009, p.4)

O professor 3 descreve uma realidade diferente. Mesmo possuindo diversos locais para realizar as aulas, não encontra espaço que seja adequado para algumas práticas, relata:

Com relação a qualidade dos espaços disponíveis, ressalto pontos positivos e negativos que abarcaram minhas práticas na escola. Os pontos positivos estão direcionados à grande oferta de espaços, cobertos e livres, mas como pontos negativos destaco as questões físicas sendo elas, pisos inadequados, falta de ventilação, dentre outras. (Professor 3)

Ao observar as escolas pesquisadas notou-se um aspecto comum referente à falta de espaço, já citada pelos professores, que é o compartilhamento do mesmo ambiente com outros elementos, como mesas, cadeiras e armários. Assim, além do pouco espaço disponível, os professores ainda precisam aprender a lidar com as interferências, acarretando prejuízos no aprendizado.

### **6.3.SUGESTÕES RELACIONADAS À INFRAESTRUTURA FÍSICA DESTINADA AS AULAS NO AMBIENTE ESCOLAR.**

Ao se solicitar sugestões relacionadas à infraestrutura para as aulas de Arte, os professores relataram diferentes possibilidades de melhoria dos espaços escolares pretendendo-se buscar uma condição de

trabalho que contemple as necessidades para o andamento da disciplina curricular.

O professor 1 sugere que a escola disponibilize uma sala exclusiva para aula de Arte com equipamentos necessários para a realização das atividades propostas, como relata: “Uma sala exclusiva para as aulas de Arte seria o ideal, sendo ampla, com piso liso, com tomadas, colchões e aparelho de som” (Professor 1).

Sobre a sala exclusiva de Arte, Carvalho, Freitas e Nietzel (2014) nos convidam a mergulharmos no que seriam espaços ideais para as Artes:

Desejável seria que houvesse uma sala de artes preparada para o desenvolvimento das diferentes formas de manifestação das artes visuais – equipada com torneira, tanques e mesas. As carteiras escolares limitam os movimentos dos braços e não são um apoio adequado para a execução de desenhos e pinturas, por exemplo. Desejável seria que os teatros ou espaços destinados às apresentações possuíssem piso adequado, equipamentos de som e luz e certo conforto para os/as alunos/as. Desejável seria também que tivesse espelho nas paredes, para se observarem em movimento e serem estimulados/as visualmente, estrados e almofadas para se sentarem. Sentar no chão frio dos pátios, por exemplo, para pintar ou para assistir a uma peça de teatro, além de envolver questões de saúde, compromete a atenção das crianças e alimenta comportamentos não compatíveis com o que se desenrola no palco. Já sentar em espaços com tapetes e almofadas muda a ação do sujeito e coloca-o numa situação confortável para a fruição. (CARVALHO, FREITAS, NIETZEL, 2014. p. 78)

Já o professor 2, além de oferecer-nos sugestões, explica que a falta de espaço na escola não é apenas física, argumentando que mais do que criar novos espaços, é necessária uma disponibilidade e maior aceitação para a Arte no ambiente escolar. Também sugere adaptações de salas inativas para as aulas, como descrito abaixo:

Acredito ser importante ter mais disponibilidade para a aula de Arte na escola. Ou seja, se a escola tem disponível uma quadra, que essa

também possa ser utilizada para aulas práticas, quando necessário. Outra sugestão seria se organizar melhor e permitir que uma das salas não utilizadas se torne uma sala para Arte. Infelizmente, não é possível mudar a infraestrutura da escola e construir uma sala adequada, mas é possível adaptar e fazer-se disponível para suprir as necessidades que a Arte possui. Mas, lembrando que muitas vezes não é só espaço físico que falta para a Arte dentro da escola. Essa falta é só reflexo de uma maior. (Professor 2)

O que o professor 2 deseja revelar com a sua fala é que, dentro da escola, a Arte ainda ocupa um lugar periférico, à margem dos outros componentes curriculares. Como aponta Silva (2008), isso se reflete na disponibilização dos recursos necessários para a realização das aulas, que são, na maior parte das vezes, os locais menos desejados ou que estão desativados por motivos significativos, que lhes impedem de ter serventia para as outras áreas de conhecimento.

Mas para Arte não há contemplação e quando são oferecidos espaços para a área, são locais pequenos, sem ventilação, sem iluminação e com mobiliários inadequados, geralmente em porões, sótãos ou no fundo da instituição escolar. Identifica-se também para os que têm um espaço físico, que a troca de gestão e de entendimento pode ocasionar a perda deste local. (SILVA, 2008, p. 12)

O professor 3 descreve os diversos espaços disponíveis para suas aulas, relatando que, apesar de ter a possibilidade de usá-los, os mesmos não possuem pisos adequados ou espaço suficiente que comporte o número de alunos, e que os mesmos nem sempre estão limpos adequadamente para as aulas. Ressalta ainda que seja necessária melhor manutenção desses locais:

Acredito que no meu caso, eu não tenha muitos problemas com relação a espaços físicos disponíveis, mas ressalto somente a questão do piso inadequado, onde a escola poderia auxiliar na questão da limpeza do espaço que já está disponível para mim e também cobrir os pequenos buracos que existem nesse espaço, assim os alunos não teriam receio em usar o chão com medo de sujar as roupas e também se machucarem. Outra sugestão está ligada ao tamanho do espaço para uma aula prática,

porque a sala disponível para mim não tem um tamanho muito bom, dificultando a movimentação de todos os alunos ao mesmo tempo, então seria ideal, se fosse possível, que a escola disponibilizasse uma sala maior, podendo ser a própria sala de aula, mas sem mesas e cadeiras, onde caberia todos os alunos de forma mais agradável. (Professor 3)

Apesar da variedade de espaços proporcionados pela escola, nota-se que os mesmos não são adequados. Dessa forma, “é importante destacar que o ensino de Arte necessita do espaço adequado para o trabalho prático, assim como, as outras disciplinas necessitam da experimentação para concretizar conceitos teóricos e buscar o novo” (SILVA, 2008, p. 12).

E por fim, encontra-se a sugestão do professor 4, que como o 3, alerta sobre a necessidade de um espaço amplo, sem interferência de objetos, para uma melhor realização das aulas de práticas corporais.

Ter uma sala ou espaço amplo, onde o piso seja adequado (sem buracos ou sem ser de terra), sem ou com poucos objetos (cadeiras e mesas), onde os alunos possam se sentir a vontade e seguros para pisar sem sapatos, correr, deitar, etc, além de poderem realizar projetos visuais utilizando o chão como apoio ou podendo colocar mesas maiores. (Professor 4)

Diante das sugestões dos professores, observa-se a necessidade da escola se atentar para possíveis adaptações dos ambientes que já existem, pois entende-se que talvez não seja possível construir novos espaços, mas ressignificá-los ou organizá-los, de maneira que sejam mais espaçosos, com as devidas manutenções e serem melhores aproveitados. Dessa forma, Carvalho, Freitas e Neitzel (2014) afirmam que apesar da precariedade dos espaços utilizados, isso não deve ser visto como fator que impeça a realização das práticas.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com esta pesquisa, foi possível notar como o espaço para a aula de Arte influencia no desenvolvimento de atividades, de modo que, interfere na aprendizagem do aluno e no seu processo de construção do conhecimento em Arte.

É necessária uma conscientização acerca da importância desses espaços pelas autoridades competentes, buscando meios legais de amparo específico para suprir as necessidades da escola, no que diz respeito às disciplinas com especificidades, bem como garantindo o cumprimento dessas leis por todos envolvidos, proporcionando verba suficiente para as construções necessárias.

Para auxiliar nessas mudanças necessárias, esse trabalho procurou proporcionar diretrizes acerca da falta de espaço relacionada à deficiência no investimento e valorização da Arte dentro escola, para servir como instrumento de reflexão para aqueles que se especializam na área e para as escolas.

Durante o processo de vivência dentro da escola, como professora, estagiária e bolsista do PIBID, e no meu percurso acadêmico, na busca de entender estas questões, ocorriam inquietações referentes à importância do espaço físico na realização das aulas de Arte e como isso influencia no processo.

Dessa maneira, iniciou-se a busca por respostas, que culminou no desejo de pesquisar mais profundamente sobre a relação espaço/escola/aula de Arte, trazendo reflexões que proporcionaram à autora uma melhor compreensão desse processo. Foi possível entender que a falta de espaço adequado está relacionada à trajetória da Arte no Brasil e a sua insuficiente valorização, proporcionada muitas vezes por

um descaso dos órgãos superiores, representantes políticos e até mesmo a população, de modo geral, incluindo a escola.

Compreendeu-se que, apesar de tantas mudanças relacionadas às leis, parâmetros, componentes curriculares que abordam o assunto, buscando proporcionar à Arte algum espaço na sociedade, é visível que há ainda limitação no que diz respeito à propagação, criação e fomentação artística, que caminha a passos lentos.

Ao realizar um levantamento dos espaços direcionados às aulas de Arte em algumas escolas estaduais, de Viçosa-MG, pôde-se deixar mais claro que as escolas selecionadas não possuem espaços específicos para a realização das aulas do componente curricular Arte. Também foi possível, ao conhecer a realidade dos professores de Arte nestas escolas, perceber as adaptações que ocorriam e as limitações que os professores enfrentavam em seu dia a dia para a prática de suas atividades.

Diante de todas as informações levantadas nas consultas bibliográficas, questionários e visitas, foi possível analisar e refletir como os espaços influenciam nas aulas, causando desconforto, agitação, dificuldades de absorção do conhecimento, além de limitar que certas aulas não ocorram da maneira como o professor objetivou.

Por isso, ao pesquisar sobre o assunto, algumas possíveis sugestões surgiram durante o processo e nos permitem refletir sobre sua aplicabilidade. Uma das sugestões é a adaptação de espaços existentes na escola. Isso é algo que a maior parte dos professores pratica, até mesmo por intuição, mas é preciso repensá-la e dar a ela um novo significado, podendo assim proporcionar às aulas maior possibilidade de vivências e aprendizados.

Outro ponto a se pensar é sobre o revezamento de espaços com os outros professores. Essa questão pode parecer simples, mas na maioria das vezes, não ocorre na realidade. Conversar com os professores de outras áreas, como a Educação Física, por exemplo, pode ser uma saída para a falta de espaço para uma atividade de prática corporal que seria impossível de ser realizada em uma sala de aula, por demandar um espaço amplo que comporte todos os alunos, sem que os mesmos se machuquem.

Pensou-se também em relação à disponibilização da Direção da escola, de espaços inativos para a utilização do professor de Artes. Essa solução pode ser rápida e fácil, se a escola possui espaços inutilizados e se a Direção estiver aberta ao diálogo.

Outra sugestão seria se utilizarem espaços ao redor da escola, como parques, praças, centros comunitários, salões, dentre outros, pois, muitas vezes, a comunidade possui locais ricos para a aprendizagem e que são localizados ao lado da escola, mas não são aproveitados.

E por fim, sugere-se a construção de salas ambientes, com móveis, pisos, ventilação, iluminação, recursos didáticos e espaço adequados. Porém entende-se que é de difícil execução, por muitas vezes não se depender apenas da escola e seu desejo de melhoria. Esta sugestão é a que mais demanda tempo e gastos, mas, a longo prazo, seria a que melhor sanaria as dificuldades encontradas em relação ao espaço.

Dessa forma, ao realizar este estudo, percebeu-se que, para solucionar os problemas de espaço físico da Arte nas escolas, é preciso pensar e repensar sobre o espaço que a Arte possui na sociedade, buscando-se um maior valorização, para que assim o olhar se volte para essa área de conhecimento que tanto vem lutando para ser reconhecida.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, J. D. A. **A Revisão Bibliográfica** – uma dimensão fundamental para o planejamento da pesquisa. Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v. 11, n. 2, jul./dez. 2009

BARROSO, A. L. R. **Instrumentos de Pesquisa Científica Qualitativa**: vantagens, limitações, fidedignidade e confiabilidade. Lecturas Educación Física y Deportes (Buenos Aires), v. 172, p. 01-01, 2012

BELTRAME, M.B.; MOURA, G.R.S.; **Edificações escolares**: infraestrutura necessária ao processo de ensino e aprendizagem escolar. **Enciclopédia Biosfera**, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v.11, n.20; p. 201467 5 escolar.

BRACHT, V. **A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física**. Caderno CEDES, ano XIX, nº 48, p.69-89, agosto 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros básicos de infra-estrutura para instituições de educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2006. 45 p.: il. 1. Educação infantil. 2. Infra-estrutura escolar. I. Título.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.130p. 1. Parâmetros curriculares nacionais. 2. Arte: Ensino de primeira à quarta série. I. Título.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação**. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia Assuntos Jurídicos. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/\\_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm)> Acesso em 26 de abril de 2017 às 20:00.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 174 p. 1. Parâmetros curriculares nacionais. 2. Ensino de quinta a oitava séries. I. Título.

CARVALHO, Carla; FREITAS, A. A; NEITZEL, A. A. **Salas de Arte: Espaços de formação estética e sensível na escola.** In. Educação Sociedade e Culturas, n° 42, 2014, p67-86.

CAVALIERE, .G. C. M. S.. **Inter-relação entre espaço escolar e currículo.** In: Seminário Espaço e Educação, 2007, Juiz de Fora. I Seminário Espaço e Educação, 2007.

**Centro de referências em educação integral.** Disponível em: <<http://educacaointegral.org.br/glossario/educacao-em-tempo-integral/>>.

Acesso em 26 de abril de 2017 às 19:00.

DAMAZIO, Mácia Silva; SILVA, Fatima Paiva. **O ensino da educação física e o espaço físico em questão.** Disponível em <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/3590/4066>>. Acesso em: 20 de março de 2017 às 18:00.

DAYRELL, Juarez. **A escola como espaço sócio-cultural.** In: Juarez Dayrell. (Org.). Múltiplos Olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996, v., p. 136-161.

**Direito à educação: subsídios para a gestão dos sistemas educacionais: orientações gerais e marcos legais** / Organização: Ricardo Lovatto Blattes. – 2. ed. – Brasília: MEC, SEESP, 2006. 343 p.

FREITAS, J. B.. **A organização do espaço escolar favorece a qual aprendizado.** 2008. (Apresentação de Trabalho/Simpósio).

- GODOY, Arilda Schidt. **Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais.** São Paulo. V.35. n.3, p. 20 -29. Revista Administração de Empresas.
- MEDEIROS, A. S. **Influências dos Aspectos Físicos e Didáticos Pedagógicos nas Aulas de educação Física em Escolas Municipais de Belém.** *Revista Científica da UFPA*, vol. 7, n. 1, 2009.
- MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo Básico Comum do Ensino Fundamental – Arte.** 2008.
- MOREIRA, Letícia Maria Resende. **Infraestrutura física da educação escolar: uma análise em Escolas Municipais da cidade de Ouro Preto-MG** [manuscrito] / Letícia Maria Resende Moreira. – 2015.
- NASCIMENTO, Giovane. "Arte na escola-desafios e impasses, um estudo de caso." *Revista InCantare* (2015).
- NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. *Cadernos de Pesquisas em Administração*, v. 1, n.3, 2º sem., 1996.
- PIMENTEL, Lucia, CUNHA, Evandro; MOURA, José. **Proposta curricular – Arte para o Ensino Fundamental.** Secretaria do Estado de Minas Gerais, Janeiro de 2006.
- RIBEIRO, Solange. **Espaço escolar: um elemento (in)visível no currículo.** *Sitientibus*, Feira de Santana, nº 31, p.103-118, jul/dez, 2014.
- SAMARIVA, João; VASCONCELLOS, Diego; JESUS, Thuiane. **As dificuldades enfrentadas pelos professores de educação física das escolas públicas do município de braço do norte.** V SIMFOP-Simpósio sobre Formação de Professores. Campus Universitário de Tubarão. 2013.

SEVERO, Nayara, CARVALHO, Mayllena. **A carência do espaço físico na escola:** implicações na prática pedagógica. XIX Conbrace. VI Conice. Vitória- ES. 2015

SILVA, Josiane Maria Krauze da Silva. **Sala de Arte: a importância do espaço.** Projeto de intervenção pedagógica na escola elaborado para o Programa de Desenvolvimento Educacional da Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Curitiba, 2008. Não publicado.

VILLAÇA, Iara. **Arte-educação:** A Arte como metodologia educativa. Cairu em Revista. Jul/Ago 2014, Ano 03, n° 04, p. 74-85.

## **9. APÊNDICE**

### **9.1.Descrições das infraestruturas das escolas pesquisadas**

As informações obtidas neste item para a descrição das escolas I, II, III e IV, se deram através de uma visita da autora aos respectivos locais nos quais foi possível observar o ambiente escolar. A partir de conversas informais com diretores e professores pôde-se perceber novas perspectivas sobre os espaços.

#### **9.1.1. Escola I**

A escola I atende atualmente cerca de 450 alunos divididos em dois turnos (matutino e vespertino) com ensino regular, do 1º ao 5º ano na parte da tarde e 6º a 9º ano pela manhã. Além disso, também a Educação Integral<sup>11</sup>. Em seu espaço físico possui 12 salas de aula, divididas em seus dois andares e na parte inferior localizam-se apenas quatro. Essas salas possuem carteiras e cadeiras desgastadas pelo tempo, quadro negro, alguns cartazes colados nas paredes, pinturas e piso de cimento queimado desgastados pelo tempo e as salas, de modo geral, não são bem iluminadas.

Ao entrar na escola, encontra-se localizado à esquerda a secretaria, seguida da sala da direção. Ambas arejadas, espaçosas e bem iluminadas. À direita localiza-se o refeitório e o pátio, em um mesmo ambiente, apenas divididos por pilastras, que demarcam os limites de

---

<sup>11</sup> A Educação Integral se refere à ampliação da jornada escolar dos estudantes implementado a extensão do tempo em turno e contra turno escolar. Em um período dedica-se as disciplinas do currículo básico e no outro as oficinas de artes e esporte. Disponível em: <<http://educacaointegral.org.br/glossario/educacao-em-tempo-integral/>>. Acesso em 21 abril2017, às 17:00.

cada espaço. A escola fornece para seus estudantes merenda na hora do recreio e as refeições são preparadas na cozinha. No pátio, que possui piso frio e é bem arejado, há um palco de 4mx5m, de cimento que é utilizado nos recreios culturais<sup>12</sup> e demais apresentações que podem ocorrer durante o ano letivo.

Ainda à esquerda localizam-se os banheiros. Esses são espaçosos e encontram-se normalmente limpos. Possui piso branco, chuveiro, sanitários e pia. Para um melhor controle, os alunos só podem usá-los em horários pré-determinados pela direção.

Logo após encontra-se a biblioteca cujo espaço possui mesas retangulares com suas respectivas cadeiras, prateleiras suspensas e o ambiente é bem arejado.

Em frente à biblioteca localiza-se a sala da supervisão, seguida de três salas de aula e no centro encontra-se uma rampa que dá acesso à quadra e a telessala<sup>13</sup>, antes utilizada como laboratório de informática, que foi desativado por falta de espaço para dar seguimento ao projeto do governo.

No fim da rampa encontra-se uma quadra descoberta e com grades. A outra saída na lateral da quadra dá acesso às quatro salas da parte inferior da escola e a uma escada, que leva às salas restantes e ao pátio, culminando na sala dos professores, que é estreita e bem iluminada. Em sua lateral tem uma porta que dá acesso ao banheiro dos professores, que é igualmente limpo e arejado. Além disso, há uma sala utilizada pelo tempo integral, a sala do financeiro, sala de armazenamento de materiais e um espaço com algumas plantas.

---

<sup>12</sup> Espaço reservado para cultura na hora do recreio, em que os alunos podem se inscrever para declamarem poesia, cantar, dançar e tocar instrumentos.

<sup>13</sup> Projeto criado pelo Governo Federal para diminuir a defasagem de aprendizado dos estudantes acima de 15 anos e que foram reprovados por três vezes.



Pátio da escola



Sala de aula



Sala de aula



Corredor

### 9.1.2. Escola II

A escola II atende atualmente cerca de 1225 alunos divididos em dois turnos (matutino e vespertino) com ensino regular, com Ensino Fundamental na parte da tarde e Ensino Médio pela manhã. Possui, em seu espaço físico, 22 salas de aula, divididas em três ambientes.<sup>14</sup>

Nos corredores 1 e 2, ambos localizados à esquerda da entrada, porém em níveis diferentes, encontram-se oito salas de aula, cada uma com piso cimento queimado, ventiladores, janelas pintadas (para diminuir a entrada de luz solar), grade, câmera, quadro negro, carteiras e cadeiras bem desgastadas pelo tempo e pinturas conservadas. As

---

<sup>14</sup> Três ambientes divididos por corredores e todos possuem grades.

salas, de modo geral, são bem iluminadas, mas pouco arejadas e com uma acústica ruim. Nesses mesmos ambientes encontram-se dois banheiros, feminino e masculino, com piso cimento queimado e azulejo branco, com vaso sanitário e pia. Em frente aos banheiros localizam-se dois bebedouros.

No corredor 3 localiza-se quatro salas de aula e três laboratórios, de química, física e ciências, respectivamente. Os três laboratórios são equipados com os materiais específicos para cada aula prática, além de um aparelho data show em cada um. Próximo está localizado, à direita, a sala de reuniões, comum às salas de aula. Todos os corredores que dividem as salas possuem piso cimento queimado.

Ao entrar na escola avistamos um espaço aberto, destinado ao estacionamento, com piso de cimento, arborizado e com três portões de acesso, para os fundos da escola, a entrada e a área verde (espaço com mesas, cadeiras, quadro, árvores e piso intertravado sextavado<sup>15</sup> que dá acesso visual para biblioteca e as salas do corredor 1), respectivamente.

A entrada possui grades com um espaço aberto para o acesso dos pais à secretaria, localizada à esquerda, seguida da sala da secretária e direção. Todas as três são bem iluminadas, com computadores, armários, janelas gradeadas, piso de cimento de cimento queimado. Ao lado encontra-se um banheiro de uso exclusivo da direção.

Em frente encontra-se a sala de informática com computadores, bancadas, data show, ar condicionado, quadro negro, espelho no fundo (para facilitar a visão do professor em relação aos acessos à internet pelos alunos), é pouco iluminada e arejada.

---

<sup>15</sup> Conhecido como bloquete de concreto.

Localizado a direita da entrada, encontra-se uma grade que dá acesso ao almoxarifado, com prateleiras para estoque de alimentos. Ao lado, a sala da supervisão com mesas, cadeiras computador e impressora. A sala é bem iluminada e arejada. A sala dos professores, bem iluminada e arejada, com armários, sofás, mesa grande, quadro negro e um segundo ambiente, com máquinas de xérox e armários.

Ao lado encontra-se a sala de vídeo, com pouca iluminação natural, ar condicionado, data show, computador, cadeiras universitárias e quadro branco pequeno. Em seguida, dois banheiros de professores, feminino e masculino, iguais aos já citados.

No pátio encontra-se uma grade que divide o ambiente anteriormente descrito. À direita encontra-se a Rádio Escola, que possui mesa de som e aparelhagem simples necessária para transmissão. Antigamente, o espaço era utilizado para vendas de lanches e guloseimas, que, com a proibição, tornou-se a sede da rádio. À esquerda encontra-se uma sala e a biblioteca, que possui mesas retangulares, prateleiras de ferro, armários, janela gradeada e câmera.

O outro ambiente possui acesso para a “área das mesinhas”, que contém um espaço aberto e um palco, localizado a direita, e o piso é intertravado sextavado. Ao lado, encontra-se a cozinha com piso e azulejo, iluminada e limpa. À direita, duas salas de aulas com as mesmas especificações já mencionadas. Na frente, um espaço aberto amplo e sem cobertura. E no fim, uma escada que dá acesso à sala do Grêmio, às quadras e dois banheiros.

A sala do Grêmio tem quatro ambientes, um reservado para depósito de livros obsoletos, duas salinhas para materiais de esporte e a outra sala que possui espelho e mesas, é utilizada para reuniões do Grêmio, mas também para aulas de práticas corporais.

Adiante se encontra um espaço coberto reservado à mesa de ping pong e logo em seguida, as três quadras com piso adequado, somente uma coberta, com arquibancadas. Ao redor de toda a escola, há um amplo espaço arborizado.



Corredor II



Área das mesinhas



Sala do grêmio



Quadras – Sem cobertura



Quadra de futebol –coberta



Sala de aula



Entrada da escola



Área verde

### **9.1.3. Escola III**

A escola III, atende atualmente cerca de 700 alunos, divididos em dois turnos (matutino e vespertino) com ensino regular, atendendo pela manhã o Ensino Fundamental (6° ao 9°) e Ensino Médio (1°, 2° e 3° ano). Na parte da tarde são atendidos os alunos do primeiro segmento do Ensino Fundamental (1° ao 5° ano) e segundo segmento do Ensino Fundamental (6° e 7° ano). Possui em seu espaço físico, 13 salas de aula divididas em dois andares, todas com piso frio, quadro negro e com mesas e cadeiras.

No primeiro andar localizamos além das salas de aula, uma biblioteca, um laboratório de informática equipado com aparelhagem necessária para as aulas e o laboratório de química/ciências que atualmente funciona a telessala.

Nesse mesmo ambiente correspondentes a secretaria, direção, supervisão, sala dos professores e quatro banheiros, dois de uso dos alunos e dois de uso dos professores e equipe escolar. Encontramos também dois espaços, No qual um é destinado ao professor de educação física para o armazenamento dos materiais de aula e o outro para os equipamentos de limpeza. Finalizando esse ambiente, encontra-se uma quadra coberta parcialmente, tendo seu espaço delimitado por

grades e piso adequado para práticas esportivas e mais a frente a cantina com mesas, cadeiras e três bebedouros.

Seguindo para o segundo andar, encontramos as salas de aula e mais dois banheiros, um encontra-se desativado e o outro de uso exclusivo dos alunos da Educação Integral. Dois bebedouros também compõem o ambiente. Nesse mesmo local existe uma sala de aula dividida por uma parede de gesso que divide uma parte para ser utilizada como sala de aula, com mesas e cadeiras e a outra destinada a aulas de dança e artesanato somente para a Educação Integral. Nessa sala encontramos um quadro negro, piso frio, armários, colchonetes e um colchão de treinamento que deveria ser utilizado para aulas de ginástica, mas é utilizado para o descanso dos alunos que ficam para o contraturno escolar.



Sala de dança Educação Integral



Sala de dança Educação Integral



Sala de aula Educação Integral



Sala de aula Educação Integral

#### **9.1.4. Escola IV**

A escola IV atende atualmente 1196 alunos divididos em três turnos (manhã, tarde e noite), com Ensino regular, do 1º ao 5º ano e 6º e 7º ano na parte da tarde, pela manhã 8º e 9º ano do ensino fundamental e 1º, 2º e 3º do Ensino médio. A noite quatro turmas da EJA –Educação de Jovens e Adultos. Para melhor entendimento a escola foi dividida em três ambientes.

No primeiro ambiente nos deparamos com a secretaria, biblioteca, salas de aula com piso de cimento queimado cadeiras e mesas desgastadas pelo tempo, quadro negro. No segundo ambiente nos deparamos com um corredor que dá acesso ao pátio, salas de aula distribuídas pelo ambiente, banheiros masculino e feminino utilizados pelos alunos, um banheiro com acesso a deficientes físicos (unisex). Possui uma cantina com cozinha, sala da direção, sala dos professores com um banheiro, laboratórios de informática, ciências e sala de recursos. As salas possuem características semelhantes as citadas acima.

O pátio da escola é bem amplo, mas encontramos nesse ambiente mesas e cadeiras, que os alunos utilizam na hora do recreio para lanche. Esse espaço também possui bebedouros e uma cama elástica. O ambiente é coberto parcialmente.

A escola possui um espaço aberto em seu exterior, geralmente utilizado para aulas de educação física, nesse espaço encontramos mesas e bancos feitos de cimento, algumas árvores que fazem sombra no local, porque o mesmo não tem cobertura, o piso é de terra e possui telas para delimitar o espaço. Possui uma quadra descoberta, também utilizada para práticas de educação física, com piso de cimento.

Em outro acesso da escola, encontramos uma sala denominada “Multiuso”, na qual ocorrem diferentes atividades, mas a mesma possui mesas, cadeiras e armários. O acesso a essa parte é por uma espécie de corredor, possui uma rampa e não tem cobertura.



Entrada da escola



Sala de aula



Sala de aula



Corredor de acesso ao pátio



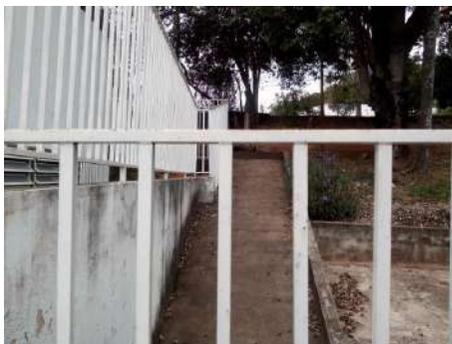
Pátio



Corredor de acesso as salas de aula



Área aberta



Rampa de acesso a sala multiuso e quadra descoberta



**Universidade Federal de Viçosa**  
**Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes**  
**Departamento de Artes e Humanidades**  
**Curso de Graduação em Dança**

## **9.2.ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO**

**Título:** Infraestrutura Física no Ensino de Arte: Análise em Escolas Estaduais na cidade de Viçosa - MG

**Objetivo da observação:** Verificar a infraestrutura das quatro escolas selecionadas no Município de Viçosa-MG

**Pontos observados:**

Observação da escola no geral  
Quantidade dos espaços físicos  
Condições estruturais dos espaços

**Escola: I**

**Dia da observação:** 28-03-2017

**Horário da observação:** 15:00

**Escola: II -**

**Dia da observação:** 10-12-2016

**Horário da observação:** 14:00

**Escola: III**

**Dia da observação:** 08-12-2016

**Horário da observação:** 9:00

**Escola:** IV

**Dia da observação:** 27-03-2017

**Horário da observação:** 15:00

<b>Espaços Físicos</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Utilização</b>	<b>Condição do espaço</b>	<b>Utilização nas aulas de Arte</b>
<b>Banheiros</b>				
<b>Banheiros Adaptados</b>				
<b>Biblioteca</b>				
<b>Direção</b>				
<b>Espaço aberto</b>				
<b>Laboratório Ciências</b>				
<b>Laboratório Física</b>				
<b>Laboratório Informática</b>				
<b>Laboratório Química</b>				
<b>Pátio</b>				
<b>Quadras coberta</b>				

<b>Quadras descobertas</b>				
<b>Sala de professores</b>				
<b>Sala Multiuso</b>				
<b>Salas</b>				
<b>Secretaria</b>				
<b>Supervisão</b>				



**Universidade Federal de Viçosa**  
**Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes**  
**Departamento de Artes e Humanidades**  
**Curso de Graduação em Dança**

### **9.3.ROTEIRO DA ENTREVISTA**

**Título do Trabalho:** Infraestrutura Física no Ensino de Arte: Análise em Escolas Estaduais na cidade de Viçosa – MG

**Objetivos da entrevista:** Apurar a opinião dos professores entrevistados com relação à estrutura física disponível para as aulas de Arte e também a opinião dos mesmos, no que diz respeito à influência dessa estrutura na prática das aulas.

**Professor(a):**

**Escola:**

**Formação acadêmica:**

- 1) **Quais eram os espaços mais utilizados durante suas aulas de Arte? Porque você utilizava esses espaços?**
- 2) **É importante que as aulas de Arte tenham seu próprio espaço dentro da instituição de ensino? Por quê?**
- 3) **Os espaços utilizados na escola para as aulas de Arte interferem no andamento das aulas? Como?**
- 4) **Qual a qualidade da infraestrutura física para as aulas de Arte na escola?**

**5) Dê sua sugestão para a melhoria das infraestruturas físicas destinadas às aulas de Arte na escola.**